



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

ISSN ELETRÔNICO 2316-3801

DOI 10.17564/2316-3801.2015v4n0p93-100

A RE-MITIFICAÇÃO DA HISTÓRIA DE NGUNGHANA EM UALALAPI, (1987) DE UNGULANI BA KA KHOSA

THE RE-MYTHOLOGIZING OF NGUNGHANA HISTORY IN UALALAPI, (1987) FROM UNGULANI BA KA KHOSA
LA RE-MITIFICACIÓN DE LA HISTORIA DE NGUNGHANA EN UALALAPI, (1987) DE UNGULANI BA KA KHOSA

Rodrigo Santos Dutra¹

RESUMO

Baseado no atual contexto das culturas afro-brasileiras e africanas este trabalho visa fazer uma análise do livro *Ualalapi*, lançando um olhar especial para a figura emblemática de Ngungunhana, sob a perspectiva da metaficção historiográfica, além de evidenciar a importância de se conhecer as literaturas africanas de língua portuguesa e o seu papel como difusora de uma cultura bem como o de guardiã de uma memória coletiva. Demonstrar, também, a importância da recontação das histórias silenciadas no período pós-independência, pois por meio da arte literária, outras

vozes puderam ser ouvidas e hoje se podem escutar outras versões dessas mesmas histórias. As tensões entre modernidade e tradição também fazem parte da trama narrativa, que será demonstrada e analisada neste trabalho tomando como base algumas ideias de teóricos pós-coloniais.

PALAVRAS-CHAVES

Literatura. Metaficção. História. Tradição.

ABSTRACT

Based on the current context of african-Brazilian and African cultures this work aims to analyze the Ualalapi book, launching a special look at the emblematic figure of Ngungunhana, from the perspective of historiographical metafiction, and highlight the importance of knowing the African literature in Portuguese language and its role as diffusing a culture as well as the guardian of a collective memory. Also demonstrate the importance of re-storytelling silenced stories of the post-independence period, as literary art through

other voices could be heard and today you will hear other versions of those stories. Tensions between modernity and tradition are also part of the narrative plot, which will be demonstrated and analyzed in this work on the basis of some postcolonial theorists ideas.

KEYWORDS

Literature. Metafiction. History. Tradition.

RESUMEN

Basado en el actual contexto de las culturas afrobrasileñas y africanas este trabajo visa hacer un análisis del libro Ualalapi, lanzando un mirar especial para la figura emblemática de Ngungunhana, bajo la perspectiva de la metaficción historiográfica, allá de evidenciar la importancia de conocer las literaturas africanas de lengua portuguesa y su papel como difusora de una cultura, así como guardiana de una memoria colectiva. Demostrar también la importancia de recontar las historias silenciadas en el periodo post independencia, pues a través del arte literario otras vo-

ces pudieron ser oídas y hoy se puede escuchar otras versiones de esas mismas historias. Las tensiones entre modernidad y tradición también forman parte de la trama narrativa, que será demostrada y analizada en este trabajo, tomando como base algunas ideas de teóricos *postcoloniales*.

PALABRAS CLAVE

Literatura. Metaficción. Historia. Tradición.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, no Brasil, percebe-se um interesse em estudar o continente africano bem como sua cultura e as manifestações artísticas de cada um dos países que compõem esse gigantesco continente. Diversos fatores ligam o povo brasileiro aos povos africanos, principalmente aqueles que fazem parte dos chamados Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) que corresponde a Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Nesses países, tais semelhanças se tornam cada vez mais latentes, pois além de compartilharem a mesma língua, muitos povos que ajudaram a formar o Brasil vieram deles por meio do tráfico de escravos. O grande crescimento das literaturas nesses países, também tem contribuído para tal aproximação. As leis 10.639/03 e 11.645/08 que preveem o ensino das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas nas escolas de educação básica de certa forma, também, contribuíram para uma maior procura pelas produções desses países.

Quando se estuda as literaturas africanas de língua portuguesa é preciso estar atento para seu papel como documento da memória cultural, pois seu conteúdo extrapola os limites estéticos e retratam as questões vividas e vivenciadas nos períodos colonial e pós-colonial. Questiona-se, nessa literatura, a noção de nação, povos, os conflitos, as relações entre colonizado e colonizador e a própria ideia de África.

Muitos escritores africanos no pós-independência, resolveram romper com os silenciamentos e passaram a recontar em seus livros as histórias oficiais, além de retomarem mitos e fatos que se queriam esquecidos. Ungulani Ba Ka Khosa⁴ é um desses escritores, muito preocupado com a representação da África para pró-

pria África e para o mundo, resolve recontar a história de Ngungunhana, em seu premiado livro *Ualalapi*, com a primeira edição em 1987. “Ualalapi, o termo tsonga para ‘aquele que dorme’, o primeiro romance de Ba Ka Khosa ostenta no âmbito das re-mistificações pós-colônias, elementos estilísticos e temáticos do realismo mágico latino-americano” (HAMILTON, 1999, p. 18).

2 UALALAPI E AS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

O livro conta a história de Ngungunhana, último imperador das terras de Gaza região que fica localizada ao sul de Moçambique. Por meio de uma escrita intensa e por vezes áspera, o autor vai revelando os traços da personalidade do hosi – nomeação em língua tsonga para rei – sua obsessão pelo poder e seu talento nato para lidar com as multidões. Essa figura, no mínimo contraditória, vai ser alvo de admiração e muito ódio, inclusive por um dos seus filhos.

O livro é um exemplo de metaficção historiográfica, designação que a Linda Houtcheon (1991) dá para os textos literários que são dotados de historicidade. Segunda ela, na pós-modernidade os limites entre o texto ficcional e o texto factual se tornaram mais tênues. Antes havia uma separação entre a literatura e a história, e muitos ainda tentam deslegitimar a primeira e desafiá-la ao teste de verdade, no entanto ambas devem ser consideradas narrativas que, por vezes, provêm do mesmo ramo do saber.

Entretanto essa separação entre o literário e o histórico que hoje se contesta na teoria e na arte pós-modernas, e as recentes leituras críticas da história e da ficção têm se concentrado mais naquilo que as duas formas de escrita tem em comum do que em suas diferenças considera-se que as duas obtêm forças a partir da verossimilhança, mas do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como construtos linguísticos, altamente convencionalizados em suas

2 UNGULANI BA KA KHOSA é o nome tsonga de Francisco Esaú Cossa, nascido na província de Sofala, em 1957, fundador da revista *Charuae*, autor de várias obras de ficção.

formas narrativas e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com a sua própria textualidade complexa. Mas esses também são os ensinamentos implícitos da metaficção historiográfica. Assim como essas recentes teorias sobre a história e a ficção esse tipo de romance nos pede que lembremos que a própria história e a própria ficção são termos históricos. (HUTHEON, 1991, p. 141).

Por isso, pode-se falar hoje da relativização desses limites, porque tanto a narrativa literária como também a narrativa histórica fundamentam as suas construções e buscam forças na verossimilhança, segundo o dicionário de termos literários: “Em sentido genérico e comum, verossimilhança é a qualidade ou o caráter do que é verossímil ou verossimilhante; e verossímil o que é semelhante à verdade, que tem a aparência de verdadeiro, que não repugna à verdade provável”. Portanto, não há como falar em verdade e mentira quando se trata dessas narrativas e sim nas semelhanças e aproximações que ambas têm com a realidade, a forma como elas apresentam a realidade. Ainda pode-se falar em intertextualidade, termo desenvolvido por Mikhail Bakhtinque, grosso modo, é a relação que os textos podem apresentar tanto na estrutura como no conteúdo.

Como metaficção historiográfica, *Ualalapi* apresenta diversas relações com a história oficial de Ngungunhana, no entanto observa-se que o autor, por vezes, estabelece um jogo intertextual entre as personagens, dentro do processo de ficcionalização da realidade, ele procura “preencher” as lacunas deixadas pela história oficial e ao mesmo tempo apresenta uma nova história. O lugar de poder e contra poder que as literaturas africanas de língua portuguesa figuram, segundo a professora e pesquisadora Inocência Mata, também é representando pelo autor; pois seu texto se torna um documento que reserva em si parte da memória esquecida de um povo. “É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado

passado tão forte que podemos falar de uma memória quase herdada” (POLLAK, 1992, p. 43).

Para Khosa (1990, p. 57) “É verdade irrefutável que Ngungunhana foi imperador das terras de Gazana fase última do império. É bem verdade que um dos prazeres que cultivou em vida foi a incerteza dos limites reais das terras a seu mando”. Esse grande rei ficou conhecido pela resistência que tinha ao colonialismo português nas terras de Gaza. No entanto, ao se tornar personagem da narrativa ficcional é apresentado como qualquer ser humano com seus erros e acertos, sendo mais evidente sua obsessão pelo poder que o levou a matar seu irmão mais velho, para que não houvesse disputa pelo trono.

O meu irmão Mefemane, prosseguiu, vive a uns quinze quilômetros daqui. Constata-me que se prepara para partir a fim de abrir à sepultura de meu pai. A história não deve repetir-se. O poder pertence-me. Ninguém, mas ninguém poderá tirar-mo até à minha morte. Os espíritos poisaram em mim e acompanham-me, guiando minha ações lúcidas. [...] Por isso, meus guerreiros, aguçai as lanças. Teremos que limpar, o mais urgente possível, o atalho por onde caminharemos, para que não possamos tropeçar com possíveis escolhos. (BA KA KHOSA, 1990, p. 30).

A passagem acima mostra uma das faces do imperador que foi também conhecido como tirano, seu irmão não resistiu à morte, porque já sabia de suas intenções. Durante seu reinado, ele conquistou diversos territórios e subjugou vários povos daquela região e, por isso, além de terras e poder também cultivou muitos inimigos. O reinado de Ngungunhana durou de 1884 até 1895 quando foi capturado pelos portugueses, então liderados pelo oficial da guarda Mouzinho de Albuquerque. Logo após sua prisão, foi exilado para os Açores com apenas sete de suas cem mulheres, mesmo assim elas tiveram de retornar, pois em Portugal não se admitia a poligamia. No exílio, foi alfabetizado e batizado com o nome de Reinaldo, falecendo em 1906.

Suas atitudes não agradavam muito a algumas pessoas, no entanto sua coragem, também, arranca-

va a admiração de outros. Dentro da narrativa ficcional, Manua, filho de Ngungunhana, não apresentava nenhum tipo de admiração pelo pai. “[...] O marulhar das águas reconfortou lhe o espírito. Recolheu ao beliche e dormiu. Sonhou com as lanças e savanas secas verdejantes. Viu serpentes a enrodilharem-se no corpo bojudo do pai e sorriu” (KHOSA, 1990, p. 37). Ele havia estudado e sabia ler e escrever, fato que também é encontrado na historiografia, e se justifica por meio de uma aliança feita entre seu avô e os Portugueses. No entanto, Khosa acrescenta à personagem o desejo de que suas tradições fossem trocadas pela civilização branca. O que também não deixa de demonstrar sua fragilidade por ter “enfrentado” sozinho o mundo dos brancos e não lhe restou nenhuma alternativa a não ser assimilar sua cultura e seus costumes.

[...] O comandante do navio nada entende de feitiço. Se compreendesse alguma coisa talvez entendesse o fato de eu ter sido dos poucos na minha tribo que teve acesso ao mundo dos brancos, à sua língua, aos seus costumes e à sua ciência. Mas ele não pode entender o mundo negro, os nossos costumes bárbaros, a inveja que norteia nossa vida a intriga que os matam diariamente. Quando eu for imperador eliminarei essas práticas adversas ao Senhor, pai dos céus e da Terra. Serei dos primeiros, nestas terras africanas, a aceitar e a assumir os costumes nobres dos brancos, homens que estimo desde o primeiro dia que tive acesso ao seu civismo são. (KHOSA, 1990, p. 100).

A discussão que envolve a disputa entre modernidade e tradição não é recente, no entanto não era preciso apresentar essas duas faces da cultura de um povo como oposição, “pois vê a tradição somente como um legado do passado, resquícios de uma idade primitiva, excluindo a possibilidade de que, em alguns aspectos, ela possa também fazer parte integral do presente” (THOMPSON, 2008, p. 49). Ao voltar para sua terra, Manua foi considerado louco pelos seus, e teve o desprezo do pai que nem mesmo chorou pela sua morte. E quanto ao seu fascínio pelo mundo dos brancos Fanon (2008, p. 60) nos diz que:

Compreendemos agora porque o negro não pode se satisfazer no eu isolamento. Para ele só existe uma

porta de saída, que dá no mundo branco. Onde a preocupação permanente em atrair a atenção do branco, esse desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade determinada de adquirir as propriedades de revestimento, isto é, a parte do ser e do ter que entra na construção de um ego. Como dizíamos há pouco, é pelo seu interior que o negro vai tentar alcançar o santuário branco. A atitude revela a intenção.

Então diferentemente se seu pai que opunha uma forte oposição ao colonialismo português, ele mantinha uma relação de profunda admiração, talvez tenha sido por esta razão que tenha adquirido a antipatia do pai. Fanon (2008) fala sobre a construção de um ego, Manua desejava ser imperador das terras de Gaza para trazer ao seu povo o que ele chamou de civismo são. A memória das coisas vividas durante o período que esteve estudando, e seu desejo de não mais cultivar os costume “bárbaros” se tornaram o santuário de Manua e isso o sufocou até a morte; uma morte solitária numa cubata longe de seu pai. Ngungunhana refutava todas essas coisas, porém, anos depois no exílio se verá obrigado a adquirir todos os costumes que antes negava.

Outro ponto a ser destacado da narrativa é a presença de alguns elementos fantásticos, esses também são encontrados em outros exemplares das literaturas africanas de língua portuguesa. O fantástico funciona como uma forma de reconfiguração da realidade, no caso de *Ualalapi* são traços peculiares da mistura das narrativas orais com a escrita.

Em certas passagens, também, é possível perceber a mistura do mítico com o real, elementos que provocam um estranhamento no leitor que não esteja acostumado com esse tipo de escrita, e por vezes acaba desafiando sua imaginação. O convívio do natural com o sobrenatural parece não incomodar as personagens que encaram os acontecimentos como se fizessem parte do seu cotidiano. Obviamente que esse também é o olhar ocidental que se lança sobre essa literatura.

[...] Não se enganem, Ualalapi. Muitos foram os guerreiros que morreram de forma estúpida e sem estarem em

combate. Sereko, que tanta gente matou em combate, morreu com uma mordidela de serpente enviada pelo seu avô descontente. Makuko morreu no mato, defecando sem parar durante quinze dias seguidos. E quando o encontraram, já morto, a merda ainda lhe saía do corpo. Tiveram que o enterrar com a merda que não parava de sair. E tu não podes fugir a isso. (KHOSA, 1990, p. 33).

O excerto acima exemplifica bem esse convívio pacífico que as personagens apresentam em relação ao natural e sobrenatural nesta conversa entre o guerreiro Ualalapi e sua esposa. Segundo Mia Couto, “O fantástico e o inusitado estão na realidade africana e fazem parte da nossa cultura.” A fala de Mia Couto, proferida em 2007, revela, também, que esses elementos figuram a natureza cultural da escrita africana, portanto não devem servir de mote para uma leitura depreciativa.

Apesar de ser representado como alguém muito favorável ao poder, e com atitudes tiranas e arbitrárias Ngungunhana no momento de sua captura, se mostra preocupado com seu povo e com todas as coisas que poderiam acontecer. Os portugueses haviam formado um cerco para conseguir pegá-lo, uma verdadeira caça ao rei, no momento do encontro com os lusitanos ele estava na companhia do filho de alguns guerreiros, como sinal de que o seu império havia acabado foi obrigado a sentar-se no chão, coisa que quando rei, nunca fazia. Seu último discurso é carregado de profecias que são proferidas no calor de um misto de sentimentos que o hosi estava experimentando. Entre vaias e aplausos, ele fala das agressões que as mulheres e os homens irão enfrentar, da miscigenação e as tensões de ordem étnica, da tentativa de apagamento dos costumes tradicionais bem como da cultura e da imposição religiosa.

Estes homens de cor de cabrito esfolado que hoje aplaudis entrarão nas vossas aldeias com o barulho das suas armas e o chicote do comprimento da jibóia. Chamarão pessoa por pessoa, registrando-vos em papeis que enlouqueceram Manua e que vos aprisionarão. Os nomes que vêm dos vossos antepassados esquecidos morrerão por todo o sempre, porque dar-vos-ão os nomes que bem aprouber, chamando-vos

merda e vocês agradecendo. Exigir-vos-ão papéis até a retrete, como se não bastasse a palavra, a palavra que vem de nossos antepassados, a palavra que impôs a ordem nestas terras sem ordem, a palavra que tirou crianças do ventre das vossas mães e mulheres. O papel com rabiscos norteará a vossa vida e a vossa morte, filhos das trevas. (KHOSA, 1990, p. 118).

Nesta passagem percebe-se que Ngungunhana estava preocupado com tudo que seu povo enfrentaria com seu exílio. Além das mulheres, seu filho Godide e dois tios. No período em que esteve exilado, contraditoriamente passou a vestir roupas portuguesas, usar chapéus e botas, além de ser alfabetizado. Faleceu em 23 de dezembro de 1906 vítima de uma hemorragia cerebral, foi enterrado lá mesmo. Na ocasião, já tinha conhecimento de todas as coisas que estavam acontecendo nas terras que tanto amou e com o povo que defendeu.

Em 1983 o então presidente da república de Moçambique, Samora Machel fez uma visita diplomática a Portugal e dentre suas reivindicações estava o desejo de que os restos mortais de Ngungunhana fossem mandados para Moçambique. Na ocasião o então presidente de Portugal António Ramalho Eanes, junto aos órgãos competentes autoriza a exumação do corpo, só que já havia passado 77 anos e os ossos não foram encontrados. Como substituição foi retirado um punhado de terra do cemitério de Angra do Heroísmo e depositado numa urna. No entanto, como o presidente Samora Machel ainda precisaria visitar outros países na Europa preferiu não levar a urna que ficou no Ministério dos Negócios estrangeiros até junho de 1985, data conhecida como o retorno de Ngungunhana.

[...] A delegação de Moçambique, encarregada de levar o féretro até Maputo, era chefiada por Raimundo Pachinuapa, que viera acompanhado por Paulouro das Neves, embaixador de Portugal naquele país.

Nesse mesmo dia 14, a Polícia de Segurança Pública passou autorização de “Livre trânsito mortuário”; e, no dia seguinte, sábado, pelas 7h 30 da manhã, chega-se a Maputo, a bordo de um DC-10 das Linhas Aéreas de Moçambique.

Eram muitas as centenas de pessoas que esperavam no aeroporto o regresso de Gungunhana. Partira hu-

milhado, vaiado, e apupado; regressava com honras de herói. A reparação devida àquele que lutara pela independência de suas terras. (VILHENA, 1999, p. 301).

Durante todo seu reinado Ngungunhana buscou o poder, ele queria manter-se no controle de todos os povos daquela região, não mediu esforços para ser entronado e nem para garantir o respeito dos seus. Foi arbitrário em muitas decisões, mandou matar inocentes, desprezou um dos seus filhos. Antes de ser exilado ainda tentou negociar com seus oponentes, mas não obteve sucesso. Era dono de muitas terras, ouro e marfim. Ao proferir seu último discurso à beira de ser deportado se mostra preocupado com todos os vilipêndios que seu povo e sua terra enfrentariam nas mãos do colonizador branco. Sem dúvidas, foi uma figura emblemática e contraditória, teve sua vida marcada por guerras, lutas e conflitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ba Ka Khosa nos apresenta a história do hosi, até o momento de seu exílio, até o seu emocionante discurso, no entanto como parte da obra ficcional ele também acrescenta excertos de alguns relatório apresentados a Portugal no período da caça e captura do rei. Essas são as pistas que o autor resolve nos apresentar, fragmentos de uma história que precisava ser recontada, fragmentos de uma memória não tão distante, mas que permanecia no silêncio. Portanto, *Ualalapi* é um exemplar de metaficção historiográfica onde as narrativas da historiografia e da literatura convivem, dialogam e por vezes se negam.

A literatura faz parte de um conjunto de artes que nos auxilia na compreensão e contextualização de uma cultura. As relações de subalternidade e empoderamento do sujeito também são postas à baila nessa

arte, conhecê-la permite ao leitor entrar em contato com questões pontuais que colocam em xeque ideias supostamente consolidadas. A tradição se mistura à modernidade e às vezes passa por momentos de reconfiguração, revisão e revisitação, se apresentando de diversas outras formas que convergem para compor essa grande teia chamada cultura.

REFERÊNCIAS

- CEIA, C. **E-Dicionário de termos literários**, 2010. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&link_id=14:verossimilhanca&task=viewlink>. Acesso em: 2 Jul. 2015.
- FANON, F. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HAMILTON, R. G. **A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial**. São Paulo: Via atlântica, Agosto 1999. p.14-22.
- HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KHOSA, U. B. K. **Ualalapi**. 2.ed. Lisboa: Caminho, 1990.
- POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1989. p.3-15.
- THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Tradução: BRANDÃO, Wagner de O.; AVRITZER, Leonardo, 10.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- VILHENA, M. D. C. **Gungunhana: Grandeza e decadência de um império africano**. Lisboa: Colibri, 1999.

Recebido em: 28 de Julho de 2015
Avaliado em: 31 de Agosto 2015
Aceito em: 31 de Agosto 2015

**1. Mestrando do programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (UFBA).
Graduado em Letras Vernáculas (UFBA). E-mail: rsdultra@gmail.com**